

Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 04/03/2015

- [Governo oferece fortificação alimentar para crianças de 6,8 mil creches públicas](#)
- [Projeto atende pacientes de câncer no Hospital Oswaldo Cruz, no Recife](#)

Assunto: Governo oferece fortificação alimentar para crianças de 6,8 mil creches públicas

Fonte: Agência Brasil EBC

Data: 04/03/2015



Os ministros da Saúde, Arthur Chioro, e do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello, lançaram hoje (2), em Niterói, região metropolitana do Rio, o programa NutriSUS, que oferece fortificação alimentar a mais de 6,8 mil creches públicas do país.

A iniciativa tem por objetivo reduzir a incidência de anemia e carências nutricionais na infância, principalmente no Nordeste, região que concentra dois terços das creches atendidas.



Tereza Campello: já nasceu a primeira geração de crianças sem fome Fábio Pozzebom/Agência Brasil

A ministra Tereza Campello informou que o lançamento foi simbólico, porque o programa já estava sendo experimentado em 151 municípios "Não fizemos o lançamento de uma promessa. O NutriSUS já está ocorrendo e será ampliado a partir deste semestre. É uma ação concreta. As crianças brasileiras têm direito à alimentação pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae)", disse a ministra.

De acordo com a ministra, a fortificação coloca o Pnae em nova fase.

"Já nasceu a primeira geração de crianças livres da fome e que estão na escola. O Brasil saiu do mapa da fome, mas isso não é suficiente. Queremos nossas crianças sem anemia e crescendo. E o NutriSUS veio para complementar esse conjunto de ações", acrescentou a ministra.

Arthur Chioro afirmou que a ação vai além da redução da mortalidade infantil por desnutrição. "É fundamental para garantir o pleno desenvolvimento na infância, enfrentar a mortalidade infantil, as infecções, a desnutrição, a obesidade e, ainda, uma série de problemas de saúde da idade, por conta da anemia, da deficiência de ferro e de microorganismos."



Iniciativa é fundamental para enfrentar mortalidade infantil, diz Chioro Marcelo Camargo/Agência Brasil

Ainda no primeiro semestre deste ano letivo, sachês com ferro, vitaminas, zinco e outros nutrientes serão adicionados à alimentação das creches selecionadas. Ao todo, 40 milhões de sachês devem ser comprados este ano, resultando em investimento de R\$ 12,5 milhões.

Parceria com o Laboratório Farmacêutico da Marinha do Brasil permitirá a transferência da tecnologia de produção do sachê, que atualmente é importado. Durante 60 dias, os sachês serão misturados à refeição diária das crianças. Após pausa de quatro meses, a criança voltará a receber a forificação por mais 60 dias. Segundo o ministro da saúde, a suplementação não tem restrições: as crianças sem deficiência de nutrientes os eliminarão naturalmente, sem que haja prejuízos à saúde.

Para participar da iniciativa, os municípios precisaram se inscrever no Programa Saúde na Escola. Neste ano, são prioridade creches com pelo menos 95% de crianças com idade entre 6 meses e 4 anos e 10 meses. Outro critério é atender municípios do Norte e do Nordeste e creches do Sudeste, Sul e Centro-Oeste com ao menos 110 alunos na faixa etária priorizada.

De acordo com a última Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher (PNDS), de 2006, 20,9% das crianças brasileiras com menos de 5 anos têm anemia. O percentual atinge 25,5% no Nordeste e 22,6% no Sudeste. No Norte, a taxa é 10,4%. Comunidades indígenas também estão no radar do programa, já que, conforme a pesquisa, a anemia nesses locais chegou a 50%.

A diretora adjunta da Unidade Municipal de Ensino Infantil Professora Odete Rosa da Mota, Viviane Evangelista, disse que as crianças não reclamam do gosto do suplemento. Segundo Viviane, quando a creche foi selecionada para o período experimental, iniciado em setembro de 2014, os pais foram informados e concordaram com o programa.

Para evitar desperdício dos nutrientes, os professores misturam o conteúdo do sachê nas primeiras colheres oferecidas às crianças. "Ainda não houve qualquer tipo de reação e todas as que iniciaram o programa estão recebendo [o fortificante]."

Assunto: Projeto atende pacientes de câncer no Hospital Oswaldo Cruz, no Recife

Fonte: G1 PE

Data: 04/03/2015



Primeira classe hospitalar de Pernambuco é inaugurada no Oswaldo Cruz, no Recife (Foto: Luna Markman/G1)

A alagoana Dheniffer Leite, 8 anos, foi diagnosticada com leucemia no final de 2014. Os médicos aconselharam a família da criança a procurar tratamento no Recife e, há dois meses, ela deixou a cidade de Piranhas, às margens do Rio São Francisco, para se internar no Hospital Universitário Oswaldo Cruz (HUOC). Confiante na recuperação da menina, o maior receio da camareira Ligiane Leite era que a filha perdesse o ano letivo por conta do tratamento. A boa notícia veio nesta segunda-feira (2), com a oficialização de uma classe hospitalar na unidade, a primeira de Pernambuco. Agora, a menina vai poder continuar estudando durante a internação e trilhando a realização do sonho. “Quero ser delegada para fazer justiça”, afirmou a garota, que adora as aulas de português e é fã da Branca de Neve.



Denifer Leite, 8 anos, brinca com Lego com a mãe, Ligiane (Foto: Luna Markman/G1)

A instalação da classe hospitalar foi possível graças à iniciativa do Grupo de Ajuda à Criança Carente com Câncer Pernambuco (GAC-PE), que articulou o projeto junto ao HUOC, que disponibilizou o espaço físico; ao Instituto Ronald McDonald, que repassou verba para a implantação da estrutura; e à Prefeitura do Recife, que colabora com mão de obra e material didático.

O projeto começou de forma experimental em

novembro do ano passado, no quinto andar do hospital, onde se encontram alguns leitos de enfermarias para internamento. A classe batizada de Semear começou, agora de forma oficial, a atender 24 pacientes, com aulas de português, matemática, ciências, geografia, história e artes. A turma engloba estudantes e conteúdos das mais diversas séries. Em média, os alunos têm entre 4 e 15 anos. A frequência é controlada e há provas. As escolas de origem recebem relatórios para acompanhar a evolução dos meninos e meninas e os receber após a desejada alta hospitalar.



Presidente do Gacc, Vera Moraes, entre prefeito Geraldo Julio (E) e secretário de Educação, Jorge Vieira, em assinatura de convênio pelo projeto (Foto:Luna Markman/G1)

As diretrizes para funcionamento das classes hospitalares foram divulgadas pelo Ministério da Educação (MEC) em documento de dezembro de 2002. Atualmente, há em torno de 150 delas em todo o Brasil, sendo 25 no Nordeste, segundo o Gacc. Pernambuco agora comemora a sua primeira. “Em 19 de agosto de 2005, nós construímos este prédio [no HUOC] para atender crianças com câncer, com dinheiro doado pela sociedade. Depois de uma constante busca, conseguimos esta classe para dar um atendimento mais humanizado aos nossos pacientes, que já sofrem grandes perdas. A classe faz renascer a

esperança da cura nas crianças, já estamos sentindo, inclusive, uma maior adesão ao tratamento”, afirmou a presidente do Gacc, Vera Moraes.

A aposta do Gacc agora é que crianças com câncer internadas em outras unidades de saúde no estado possam ter acesso à educação, como no Hospital das Clínicas, Barão de Lucena, Hospital do Câncer e Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (Imip). “Não estava no nosso plano de governo a instalação de classes hospitalares, mas, a partir deste exemplo, vamos procurar expandir esse serviço, pois isso faz parte da nossa política de educação inclusiva. O objetivo é evitar o atraso e abandono escolar devido às idas e vindas ao tratamento”, assegurou o secretário municipal de Educação, Jorge Vieira.

Na tarde desta segunda, antes da solenidade de instalação da classe hospitalar no HUOC, a paciente Vanessa da Silva, 10 anos, era apresentada ao projeto Robótica na Escola. A menina é de Petrolina, no Sertão pernambucano, e está internada por conta de uma leucemia. “Da escola, o que eu mais sinto falta é da minha professora Lidinalva. Ela me ensinava tudo, e eu gostava mais de matemática, e também de brincar de boneca”, comentou a garota.



Maria de Fátima da Silva está contente que filha Tatiane não perderá novamente o ano letivo (Foto: Luna Markman/G1)

A paciente Tatiane da Silva, 14 anos, também acompanhava os movimentos do novo robô. Ela é de Caruaru, no Agreste do estado, e não pôde terminar o quinto ano do ensino fundamental por conta do tratamento contra a leucemia, realizado no Recife. "Eu acho legal ter um projeto assim, porque, mesmo internada, ela não vai perder outro ano. É bom ainda porque não deixa as crianças tão estressadas aqui dentro", disse a mãe, Maria de Fátima da Silva.